

Editorial

A revista *Ensaaios Filosóficos* foi concebida a partir da iniciativa de alunos e docentes do departamento de Filosofia do IFCH da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com a finalidade de contribuir para o debate filosófico e fomentar a atividade de pesquisa acadêmica. Sob essa perspectiva, a revista *Ensaaios Filosóficos* sempre se manteve fiel ao seu propósito inaugural, buscando viabilizar o diálogo contínuo e visível das pesquisas, bem como dos estudos realizados pelos professores e alunos da graduação e da pós-graduação em filosofia da UERJ e outras instituições acadêmicas.

Com intuito de resguardar o seu escopo inicial, mas, do mesmo modo, continuamente atentos para os novos horizontes temáticos que emergem no cenário filosófico brasileiro e internacional, o corpo editorial apresenta a publicação do volume 28 de 2023/2 da revista *Ensaaios Filosóficos*.

A presente edição conta com nove artigos originais, cada qual abordando temas de grande relevância e impacto para as diversas áreas de pesquisa na Filosofia, tais como Ética, Política, Estética, Metafísica, apenas para citar alguns exemplos.

Assim, abrimos nossa edição com o artigo *Máximas morais como fundamento de determinação da ação moral em Kant: uma análise sucinta da primeira seção da Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. O autor, Ahmad Suhail Farhat, discute em seu texto de que modo as máximas morais desempenham a função de fundamento da ação moral em Kant. Apresentando seu trabalho em duas etapas, Ahmad inicialmente discute as noções de boa vontade e de bem supremo na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, para, posteriormente, explorar a maneira pela qual as noções de boa vontade, de máxima e de dever se relacionam. Desse modo, o autor busca demonstrar de que modo Kant estabelece uma distinção entre *ações contrárias ao dever, ações por dever e ações conforme ao dever.*, destacando que o objeto da experiência moral pode ser compreendido sob a forma de uma lei moral universalmente válida, determinada pela razão, que é capaz de legislar para si mesma as leis de seu funcionamento. Por fim, o autor sustenta a tese de que o valor moral de uma ação é determinado fundamentalmente pelas máximas que a ensejam, consideradas princípios subjetivos do querer.

No segundo artigo, intitulado *O Partido para além da consciência do proletariado*, Diego Fonseca Dantas explora a problemática da consciência de classe e os possíveis impasses

para sua sublevação da consciência e de uma organização do proletariado em Partido. A partir do texto de Georg Lukács, *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*, o autor considera que pós-revolução de 1917, Lukács depositava no Partido um papel pedagógico, de formação da consciência reificada do proletariado em consciência de classe. Na leitura realizada por Diego Fonseca Dantas vemos o destaque que Lukács dava ao papel pedagógico do Partido, que deveria explorar as contradições e da acumulação do capital, sendo certo que pela mediação que a consciência de classe aparecer como reflexo da situação no processo de produção, ressaltando quais são as classes intermediárias na luta de classes. O autor conclui apontando um problema concreto que não passa ao largo do filósofo húngaro: que mesmo com a consolidação de sua consciência de classe, o proletariado se mantém suscetível à concepção reificada, e essa razão, Lukács defende a possibilidade da mesma ser superada por um trabalho árduo de organização nas fileiras do Partido.

O texto do autor Ronaldo Tadeu de Souza, *A Forma da Ação Política em Max Horkheimer: uma breve leitura de Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, tem o objetivo de sugerir uma leitura distinta de um dos textos fundadores da Teoria Crítica, a *Escola de Frankfurt*. Ao tomar em consideração a leitura de *Teoria tradicional e teoria crítica* de 1937, o autor assevera que o texto de Horkheimer é um manifesto programático para uma ação política emancipatória. Além disso, Ronaldo avança em sua proposta, insinuando que o intuito primevo de Max Horkheimer foi postular uma modalidade de ação política circunstanciada pela temporalidade histórica vigente de quando iniciou suas atividades intelectuais como diretor do Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt.

O quarto artigo deste número é de autoria de Felipe Luiz, intitulado *Cuspir para cima: sobre a crítica à modernidade e sua necessária defesa em três ensaios que se complementam*. O referido ensaio se propõe a debater modernidade, antimodernidade e as suas consequências, especialmente no caso do Brasil contemporâneo. Para o autor, a crítica indiscriminada contra a modernidade elaborada por pensadores como Michel Foucault, possibilitou que um setor antimoderno, anti-iluminista e até mesmo neofacista, se sentisse empoderado para criticá-la e intentar reerguer os horrores de um mundo que todos acreditavam superados. Dessa forma, neste texto, Felipe Luiz defende a possibilidade de crítica à modernidade, contanto que ela seja feita de forma certa, a fim de não oferecer munições aos negacionistas e a extrema-direita.

Em seguida temos o texto *O jogo do signo: Derrida leitor de Saussure* de Adriano Negris. Neste artigo o autor busca compreender alguns pontos da leitura realizada pelo filósofo

Jacques Derrida acerca da teoria do signo, elaborada pelo linguista Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Nesse sentido, Adriano expõe em que sentido a teoria de Saussure avança em relação a concepção tradicional de signo para, no momento subsequente, compreender a maneira pela qual Derrida realiza a leitura do conceito de signo em Saussure. Com isso, o autor busca apresentar o gesto derridiano de desconstrução da noção de signo e os posteriores efeitos de deslocamento de seu registro no interior da tradição metafísica.

Diego Henrique Nascimento Santos, no artigo *Culpa e a dívida nos aldeamentos indígenas jesuítas*, realiza um esforço na tentativa de recolocar o problema da “dívida” e da “culpa” cristã a partir dos aldeamentos indígenas jesuítas para caracterizar a violência religiosa produzida nesses territórios.

O artigo produzido por Pâmela Bueno Costa, *Desconstrução da colonialidade e educação: im-possibilidades, brechas, bordas e rasuras*, tem como fio condutor a seguinte questão: qual é a tarefa da educação? Para dar conta dessa questão tão urgente e relevante, a autora assume a compreensão de que a educação deve estar completamente implicada em uma política de vida, rompendo com a lógica dominante e hegemônica dos saberes, apostando em saídas e bordando possibilidades de um ensino pautado na descolonização. Dessa maneira, através do cruzamento de diferentes vozes de pensadoras/es, filósofas/os e educadoras/es, Pâmela oferece um olhar alumiado para as pluralidades dos saberes, como forma de construir práticas miúdas, cotidianas e contínuas para termos uma educação que alumbra os seres e as coisas do mundo.

Em *Quantas aulas tem na aula de Helena Theodoro? Por uma poética da presença, da partilha e do reconhecimento*, penúltimo artigo desta edição, a autora Cidiane Vaz Melo, a partir de uma conferência da Profa. Dra. Helena Theodoro no salão nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, destaca uma ética pautada numa poética da presença, da partilha e do reconhecimento como formas de produção de vida e de encantamento na universidade, desdobrada sob uma narrativa que enlaça aspectos singulares e compartilhados, compostos por experiências de investimentos, de dores, de muitas lutas e também de esperança.

Por último, encerrando esta edição da *Revista Ensaios Filosóficos*, temos o artigo de Marcelo de Mello Rangel, intitulado *A melancolia benjaminiana: fúria, amor e delicadeza*. Nesse texto, Marcelo Rangel nos brinda com o pensamento do afeto da melancolia em Walter Benjamin. Para o autor, a experiência do afeto melancólico torna-se decisiva na medida em que é capaz de demarcar uma dinâmica temporal menos organizada com base em um futuro

7

idealizado e mais determinada por uma relação aberta e franca com o presente e com passados obscurecidos e periferizados. Assim sendo, Marcelo Rangel ao longo de seu profundo texto articulará outros afetos importantes à constituição da atmosfera afetiva (*Stimmung*) da melancolia: o cuidado, tédio, fúria, amor, modéstia, fragilidade e delicadeza. Dessa forma, o autor argumenta que a atmosfera melancólica é constituída com base em certa lógica ou aspecto (feitio) afetivo organizado a partir de uma relação específica entre afetos como o cuidado, tédio, fúria, amor, modéstia, fragilidade e a delicadeza. Afetos que, na ótica de Marcelo Rangel, são decisivos à supressão de certa dependência moderna em relação a uma esperança e otimismo impróprios, à insistência em um deslocamento hiperempírico e hipercrítico que provocam a reorganização do si mesmo e da realidade efetiva com base na diferença, tornando possível, por conseguinte, a experiência da felicidade. Ao final de seu escrito, Rangel sustenta que o afeto da delicadeza seria responsável pelo diferimento da violência que constitui nossos comportamentos teóricos e práticos, especialmente em contextos marcados por uma relação intensa com a diferença.

Convidamos a uma boa leitura!

Cordialmente,
Corpo Editorial da Revista Ensaios Filosóficos